

A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910–1920)

Education in the sertões of Rio Grande do Norte:
the point of view of José de Azevêdo Dantas (1910–1920)

Ariane de Medeiros Pereira^a

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo entender com José de Azevêdo Dantas e os escritos dos republicanos percebiam a educação nos sertões do Rio Grande do Norte nas primeiras décadas do século XX. Para atingir nossa finalidade recorreremos ao uso do Jornal O Momento escrito por José de Azevêdo Dantas e ao Jornal O Povo redigido pelos republicanos da cidade de Caicó, como meios de elencar com era vista, pensada e praticada a educação nos sertões do dito Estado. A partir das apreciações empreendidas foi possível verificar que a educação nos sertões do Rio Grande do Norte foi um meio pelo qual os sertanejos puderam manter contato as ideias republicanas e com os aspectos modernizantes que despontavam no Brasil, como também, passaram a utilizar das técnicas do ensino em seu cotidiano, promovendo uma remodelação espacial e um melhoramento em suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: República. Sertão. Educação. José de Azevêdo Dantas.

ABSTRACT: This article aims to understand with José de Azevêdo Dantas and the writings of the republicans perceived education in the sertões of Rio Grande do Norte in the first decades of the twentieth century. To reach our goal, we used the newspaper O Momento written by José de Azevêdo Dantas and the newspaper O Povo written by the republicans of the city of Caicó, as a means of listing with the view, thought and practice of education in the sertões of the said State. Based on the assessments undertaken, it was possible to verify that education in the backlands of Rio Grande do Norte was a means by which the sertanejos were able to keep in touch with the republican ideas and with the modernizing aspects that emerged in Brazil, but also began to use the techniques of the teaching in their daily lives, promoting a spatial remodeling and an improvement in their lives.

KEY-WORDS: Republic. Sertão. Education. José de Azevêdo Dantas.

Introdução

O termo sertão imbrica em uma diversidade de dizeres que vai desde o ser imagético a uma categoria espacial. Entretanto, podemos pensar o sertão enquanto

^a Mestre em História – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Colégio Diocesano Seridoense (CDS). ✉ ariane1988medeiros@hotmail.com.

um conceito que passa pela resistência ao inexplorável ou de difícil acesso, como bem salienta Janaína Amado (1995), utilizando da designação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que sertão é: “uma das subáreas nordestinas, áridas e pobres, situada a oeste das duas outras, a saber: "agreste" e "zona da mata" (AMADO, 1995. p. 145). Partindo dessa premissa, poderíamos supor que seria uma área na qual não se desejaria habitá-la.

Ao passearmos, no entanto, pelo processo histórico de colonização da América portuguesa, podemos averiguar que essa suposição não se aplica aos sertões do Brasil, pois ao passo que o litoral foi sendo conquistado, colonizado, povoado e as atividades econômicas foram se firmando e sendo redefinidas, houve interesses por parte do colonizador de adentrar os diferentes sertões do nosso país, mesmo com todos os obstáculos que iam se impondo¹. O colonizador sentia a ânsia e o desejo de explorar o Brasil em sua integridade (SOUZA, 2015. p. 21), haja vista que desejava obter todo tipo de riquezas. Fato esse que viria ocorrer com toda a sua complexidade.

Passado mais de cinco séculos, o sertão permanece vivo e pulsante no Brasil, feito e refeito por diversos discursos que buscam enveredar por seus mistérios (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014. p. 42-43). Cada ator social entende o sertão que é gestado ao seu gosto, interesse e objetivo. Um sertão múltiplo e diversificado símbolo de práticas vividas e gestadas. Um sertão de cheiro, sabor e reconhecimento.

No nosso estudo, propomos estudar o sertão que parte do litoral e que está compreendido após a região agreste² do Estado do Rio Grande do Norte. Nesse caso, os sertões³ são entendidos como espaço que estava dentro do Estado, ou seja, no interior longe da capital – litoral -, mas que mantinha um diálogo entre as

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

espacialidades. O nosso sertão, não é aquele que está relegado à categoria de exclusão, mas um sertão perene e de contato entre o interior e a capital.

O sertão ora discutido e pensado se insere no início do período republicano no Brasil e suas práticas modernizantes advinda da *Belle Époque* francesa. Nesse sentido, as capitais do Brasil, como: São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, entre outras, Natal passavam por um processo de remodelamento nas cidades e transformações urbanísticas para que pudessem comportar os elementos da modernidade, como era o caso, dos bondes elétricos, dos carros e cinemas. Claro que esse processo, guardou suas particularidades variando de uma capital a outra.

Fato é que, essa modernidade não ficaria restrita somente as capitais, ela chegaria aos sertões diluída em novos pensamentos e práticas. A educação surge enquanto essa experiência moderna nos sertões do Rio Grande do Norte e como meio de se compreender o espaço no qual se habita, promovendo desenvolvimento social, cultural e político.

O pensamento que se tinha, e alguns ainda hoje possuem, é que os sertões são um espaço intocado pelos focos de modernização ou por sua completa modernização. Um sertão que é intato em sua condição natural e, que às vezes, impossibilita a ocupação humana, avesso ao desenvolvimento e as técnicas de modernização. Todavia, essa é uma visão, de certo modo tradicional, mas que alguns atores sociais atualmente ainda possuem sobre os sertões (BEZERRA, 2002).

Assemelhando ao pensamento de Albuquerque Júnior (2014) negamos esse sertão inóspito à vida e ao desenvolvimento, tendo em vista que é inegável a presença de atores sociais habitando, fazendo e refazendo esses sertões. Um sertão que teima em gritar e quebrar com a lógica de um pensamento conservador.

O conceito de sertão que entendemos é aquele que possui vida pulsante, com seus indivíduos sociais que se afirmam e enunciam o sertão modificado por

sua ação. Que reivindicam os mesmos direitos que os habitantes do litoral, tido inúmeras vezes, como o espaço de modernização e desenvolvimento em detrimento dos sertões.

O sertão do nosso trabalho é aquele que não é apenas um espaço de atraso em relação ao restante do Brasil, mas um sertão que se desdobra em sertões, querendo uma modernidade, um desenvolvimento em suas características: físicas, econômicas, sociais e políticas. É um sertão que acompanha o ideal de uma República que acabava de se instalar no Brasil, trazendo consigo novas ideais, como a modernidade, acompanhando o pensamento europeu da *Belle Époque*.

Entendemos o sertão como um espaço de reconfiguração conforme os novos ideais impregnados pela República. O ideal de modernidade que não via os sertões apenas como um espaço de atraso, mas com a possibilidade de progresso, desenvolvimento e de melhores condições de vida para a população mediante as novas técnicas utilizadas pela engenharia politécnica e pela educação.

A educação seria esse primeiro elemento do progresso nos sertões, considerando que através de sua prática o homem tomaria conhecimento sobre sua condição social e esse seria o elemento transformador de sua realidade. Passaria, dessa forma, a agir não somente pelo conhecimento adquirido ao longo de suas experiências vividas e praticadas naquele meio, mas agora seria um sujeito social que aliam ao seu conhecimento vivencial aos fundamentos científicos aplicando ambos para o desenvolvimento dos sertões e seu próprio crescimento na esfera humanística.

A Primeira República e a educação como célula modernizante nos sertões

O ideal republicano que se instalou no Brasil era de progresso e desenvolvimento, sendo necessário "destruir" as antigas estruturas existentes⁴ e perpetuar novas formas de vivências, tais como: a conversa em clubes e confeitarias; passando pelas matérias dos jornais e a leitura dos acontecimentos que envolviam o Brasil e o ideal progressista.

As ideias republicanas contaram com o apoio indiscutível da imprensa para a disseminação de sua proposta tanto nas diversas áreas do Brasil, como em outras partes do mundo, como foi o Caso de Portugal (ANDRADE, 2014. p.131-133). Mesmo com divergências entre os partidos republicanos em suas formas de pensarem. Aqueles construíram seu projeto no final do século XIX e início do XX utilizando da imprensa para propagar suas proposituras. As reuniões nos clubes e o diálogo constante, como também, a leitura dos novos princípios possibilitaram uma maior popularização do viés republicano, considerando que os meios de comunicação possuíam um caráter disseminador das concepções republicanas entre a população, como por exemplo, a ideia de progresso, do homem civilizado, entre outros, da cidade urbanizada.

As conversas e informações que eram dialogadas nos clubes chegavam ao espaço público por meio da socialização em praças, assim, passava de um caráter puramente privado e atingia a esfera coletiva e de massificação popular (BORGES, 2009. p 263). Mesmo os jornais ou revista não chegando à massa populacional, essa tinham contato com os novos pensamentos que chegavam no Brasil e no mundo, por meio, da socialização que ocorria nos clubes e confeitarias.

Poderíamos chegar a pensar que os jornais ou revistas e por que não dizer, as notícias publicadas pela imprensa, ficariam restritas aos grandes centros ou as

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

idades, não atingindo outros espaços, como é o caso dos sertões do Brasil, em razão, talvez da falta de: transportes, estudo ou mesmo da imprensa. Entretanto, por meio da disseminação do pensamento republicano e da modernidade que atingia a todo o Brasil nos anos iniciais da República⁵, os sertões - na figura dos atores sociais – acompanhavam as notícias do nosso país.

Fato é que nos sertões do Rio Grande do Norte um grupo de intelectuais – dentre os quais – Janúncio da Nóbrega, Diógenes da Nóbrega, Olegário Vale e Manoel Dantas ambos formados na Faculdade de Direito de Recife - fundaram o Jornal O Povo, em Caicó no ano de 1889, com o intuito de difundir as ideias republicanas nos sertões (MACÊDO, 1998. p. 121). As páginas do jornal traziam crônicas referentes à saúde, política, recursos públicos e a temática da instrução pública para os sertões. No primeiro número do Jornal O Povo, de 9 de março de 1889⁶, Janúncio da Nóbrega exprime o seu pensamento republicano e a importância do papel da imprensa para a população,

A par dos poucos corajosos que combatem por um estado melhor de couzas, ao lado dos que teem as vistas alevantadas para o futuro dos que acreditão na grande lei que domina e rege todos os phenomenos da natureza quer no mundo moral como no mundo physico << a lei do desenvolvimento>> pugnamos [?] nós.

E, como observamos que a vida se manifesta pela luta e pelo trabalho, vimos ocupar lugar humilde e obscuro no convivio da imprensa, mas da imprensa livrem que debate-se viril e denodadamente com a galharia e altruismo das conciencias sadias, em prol da grande cauza que agita o mundo <<a democracia>> que é a cauza da justiça, da verdade, que é a cauza do povo, titulo que nos personifica. E modestamente que ensaiamos nossos primeiros passos no vasto estadio da imprensa, a sublime sacerdotisa da verdade, a confraternisadora dos soffrimentos populares, o baluarte inexpugnavel das liberdade publicas... (NÓBREGA. O Povo. Jornal O Povo.1889. p.1).

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

Pela passagem do Jornal O Povo escrito por Janúncio da Nóbrega fica evidente que o dito Jornal se colocava contra a monarquia do Brasil, considerando como algo atrasado e que não estava a serviço da população. Diferentemente do pensamento republicano que tinha em vista o: futuro e progresso mesmo em locais mais distantes, como era o caso dos sertões do Rio Grande do Norte. Como elementos para o desenvolvimento, Janúncio da Nóbrega deixa claro que era preciso trabalho e uma luta intensa para não deixar a monarquia voltar ao poder. O que deveria prevalecer era a democracia, na qual as pessoas pudessem expressar sua autonomia e seus direitos de cidadãos. Evoca para tanto o papel da imprensa como meio da população tomar consciência de seu papel social, como também, veículo de denúncia dos males que passavam as pessoas dos sertões. Estava aberto, por meio do Jornal O Povo, o pensamento republicano e suas bases nos sertões do Rio Grande do Norte.

Os anos passaram e na década de 1920 encontramos José de Azevedo Dantas, morando nos sertões do Rio Grande do Norte, e seguindo o pensamento de Janúncio da Nóbrega enunciado trinta anos atrás sobre a importância do contato da humanidade com a imprensa, fosse por meio do livro, jornal ou revista. Como podemos verificar no fragmento a seguir⁷:

A Imprensa

Nos tempos actuaes o homem pode se votar ao izolamento mais absoluto, mais claustral, pode levar a vida mais arredia, mais abastada de bulicio, do tumulto da vida civilizada, pode renunciar a civilização, a vida febril dos centros adeantados, mas não pode absolutamente renunciar a leitura do Jornal, da revista, do livro, não pode renunciar a viver espiritualmente em o resto da humanidade, a pensar com ella, a sentir o contacto de suas conquistas intellectuaes.

A imprensa não é somente a poderosa educadora dos povos, a grande reformadora dos costumes, a orientadora das massas, é tambem a defensora, a egida, a grande impulsionadora das letras, das artes, das sciencias, a alavanca das industrias e do progresso do povos.

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

A Imprensa vae levar aos mais obscuro homem dos lomjiquos recantos os conhecimentos necessarios a luz da razão (DANTAS. A imprensa. Jornal O Momento. 1924. p. 32).

Por meio da notícia anterior fica perceptível a importância do homem manter contato com os noticiários redigidos pela imprensa, como também, possuir uma visão crítica para discernir sobre as matérias vinculadas. Considerando que, a imprensa possui o papel de formadora de opinião e disseminadora de conhecimento, mesmo nos lugares mais distantes, como é o caso dos sertões do Rio Grande do Norte, não ficando restritas apenas as grandes cidades ou a capital do Brasil.

Ao considerar a notícia do Jornal é perceptível a visão que José de Azevêdo possuía em relação ao homem dos anos de 1920 que aquele mesmo podendo fazer a opção por não querer conviver com o modelo da vida civilizada, a qual seria uma vivência nos centros urbanos desfrutando da energia elétrica, dos clubes entre outros de se locomover nos bondes, jamais o indivíduo social poderia se furtar do mundo da leitura e das notícias vinculadas aos jornais. Ademais, era preciso saber das conquistas intelectuais e científicas dessa era moderna. Nesse caso, a imprensa era a responsável por difundir esse conhecimento, sendo a impulsionadora do discurso modernizante, por meio da disseminação das mais variadas notícias, dentre as quais: artes, ciências, indústria e o progresso das pessoas.

Os fundamentos republicanos utilizaram da imprensa para se difundir e alcançar sociabilidades longínquas, além de contar com a propagação de seus ideais por meio dos jornais e dos encontros nos clubes⁸ (ANDRADE, 2014. p. 132). Não é de se estranhar que com maior alcance das ideologias republicanas as pessoas aderissem ao novo ideal, como também, as suas propostas de modernidade e desenvolvimento.

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

A República no Brasil era marcada pela ideia de civilização, na qual a sociedade atingiria um certo grau de desenvolvimento baseado na razão e, nada melhor, que esse novo estágio fosse atingido pelo veículo da imprensa com a utilização dos jornais, das revistas ou dos livros.

A linguagem da imprensa representava uma nova forma de construir um Brasil moderno e civilizado, seguindo o pensamento republicano, no qual "o personagem agora é a intelectualidade, e sua arena de ação é a imprensa e a literatura, ou seja, os artigos na imprensa e os livros publicados" (BORGES, 2009. p. 265) que chegavam a toda a população, até mesmo aos analfabetos, que tinham contato com as notícias por meio da prática da leitura em voz alta pelos letrados e partícipes do republicanismo.

Os republicanos utilizavam fortemente de seus pensamentos através da propaganda recorrendo aos jornais e aos clubes. Mais uma vez, podemos comprovar essa situação pelo Jornal O Momento escrito por José de Azevêdo Dantas quando ele escreve:

A propaganda republicana começou a ser feita intensamente fundando se jornaes, criando-se clubs republicanos em todos as provinciaes e sucedendo-se conflictos e acontecimentos políticos por todos os recantos do Paiz (DANTAS. 15 de novembro. Jornal O Momento. 1924, p.37)

Pela notícia acima percebemos que o jornal e os clubes de discussões sobre as novas mentalidades que chegavam ao nosso país antecederam ao Brasil republicano e foram veículos essenciais para a aproximação com os ideais republicanos. Podemos ir além, e seguindo o Jornal O Momento, percebemos que o uso aos preceitos republicanos de enaltecimento com relação à Proclamação da República foram a frente da instalação da convicção republicana, no momento em

que a data da Proclamação deveria ser comemorada pelos sertanejos mais distantes da capital do Brasil, como segue:

O “Quinze de Novembro” para nós, passou sem os esplendores e as solenidades civicas que esse grande dia e Data Nacional exprime ao povo brasileiro. Recolhidos ao nosso isolamento sertanejo, sob as darás apprehensões dos graves dias que passam de infortunio nacional a nossa alma de brasileiros sente-se reconfortada e ufana, ainda, em reconhecer que a independencia de nossa querida Patria ao completar hoje trinta cinco annos de vida Republicana. Continua a machar no seu longo tirocinio de “Ordem e Progresso” com a mesma altivez e soberania de seus nobres e valores filhos – daquelles que nos momentos mais criticos da Nação souberam honrar o sagrado culto da bandeira Conservando-se fieis a auctoridade constituida.

A gloriosa data que passa marca um grande acontecimento nas paginas da historia patria. Hoje, devemos commemorar esse feito glorioso e oloquente [sic] de brasileiros illustres e dignos de seus nomes, por toda parte deve ser lembrado esse episodio – o da proclamação da Republica – com as vivas cores da realidade na escola, o mentor fala ao allunno incutindo no seu espírito o sentimento de patriotismo no lar, compete ao chefe de família, e aqui, não devemos passar despercebidos, dando uma resenha historica disso (DANTAS. 15 de novembro. Jornal O Momento. 1924, p.37).

Segundo José de Azevêdo Dantas, é notório a importância da Proclamação da República considerada como o momento em que o Brasil realmente atingiu sua independência. Em razão disso, era preciso comemorar sempre o grande feito, mesmo que já estivessem decorridos longos 35 anos. Tendo em vista que, a República significava o desenvolvimento pleno do Brasil por meio da ordem e do progresso. A escola, enquanto, uma instituição formadora de opinião e cidadãos deveria adotar esse patriotismo e ensinar o grande evento Histórico do Brasil que foi a Proclamação da República. Assim,

Fala bem alto a Nação a sua patriótica proclamação que acaba de fazer ao Paiz inteiro, convidando a todos os brasileiros a se manterem dentro da ordem e da justiça, e esse grandioso documento atesta bem a superioridade de sua elevada cultura, de seu ardoroso patriotismo pelos

nobres ideias da democracia e da integridade nacional (DANTAS. 15 de novembro. *Jornal O Momento*. 1924. p.38).

A República estava embasada na opinião pública com vista à representação do povo brasileiro, fonte legítima da soberania, vitória e propaganda política republicana que se estabelecia como sinônimo da democracia e república. Logo, havia uma associação da ideia de república com a democracia na qual possuía como elemento mobilizador a opinião pública. Como bem salienta Mello (2007): “O termo “democracia” foi ressignificado para indicar igualdade, o que, no contexto, deve ser entendido mais concretamente por uma sociedade sem privilégios” (MELLO, 2007. p.213) como não havia sido a sociedade do regime monárquico.

A Primeira República marcou uma nova fase na história do Brasil como o processo de construção da afirmação de uma identidade nacional, que possuía novas ideias e aspiração que versava sempre em alcançar novos objetivos com os ideais de modernidade e desenvolvimento (ANDRADE, 2014. p. 1983). Mesmo com o ideal de progresso republicano havia alguns fatores que precisavam ser discutidos e pensados para atingir o objetivo republicano. Como salienta José de Azevêdo Dantas:

Alcoolismo, amadorismo, analfabetismo. Haverá entre elles qualquer relação? Nenhuma por certo. Um é o vicio; outro o passa tempo; outro, a ignorancia.

Do alcoolismo, eclipse da consciencia e do analfabetismo, eclipse ou emperramento da faculdade mentaes - mestra do espirito - funda-se o "o modernismo" grosseiro - o vicio da baixa eloquencia, a loquacidade, a inconfidencia verbal, os destampatorios prolixos. Não se deve, pois confundir os amadores em geral – permosticos [?] profissioaes [ilegível] inoffensivos de atistas - com o amator tribunico flagello da paciencia humana.

Do alcoolista, vem a audacia, a febre, a imaginação, do ignorante a incapacidade de exercitar-se idobeamente, concientemente; de ambos resulta algumas vezes o "amador" - artista em ser, o eterno vão frusto e ficticio para a belleza e para a expressão definitiva dos grandes sonhos. O

"amador" anda em todas as esferas e em todas as searas, sem conseguir assenhorar-se de nenhuma dellas; é uma especie de cegano modelar; e a personagem typica das tascas, das farras
... o "amador tribunico é um dos flagellos fundamentaes da nossa raça. Não lhe falla o assomo, a loquacidade, a petulancia: só lhe falta o senso, a reflexão e a justa medida da paciencia alheia.
Mas é regra que todo sujeito com alguma parcella de intelligencia e basta ignorancia, em cahindo no alccol, acaba poeta ou orador.
O alcoolismo e o analfabetismo produzem o "amadorismo" grosseiro e loquaz, e é a elle que cabe perfeitamente a classe dos individuos desclassificados, que, diminuidos pelos effeitos destruidores das melhores aptidões se investem aparentemente de elevados receptores de ideas humanas. São, os "amadores" typos identicos ao "almofadinha" da actualidade, pela sua absoluta inutilidade que exerce nas camadas sociaes [sic] (DANTAS. Alcoolismo, amadorismo, etc. Jornal O Momento. 1924. p. 32).

O alcoolismo, o analfabetismo, o amadorismo eram três categorias que iam de encontro ao pensamento republicano e que deveriam ser deixados para trás, tendo em vista que, o novo pensamento idealizava a modernidade e o progresso. Para José de Azevêdo Dantas, o analfabetismo era um mal social e atraso ao avanço de qualquer ser humano, sendo necessário que a escola e a escolarização chegassem ao sertão do Rio Grande do Norte. Aquele que não se dedicava ao estudo estava fadado ao amadorismo descabido que era um vício daqueles que não detinham o conhecimento das letras e vivia a falar do desconhecido, e que talvez, somente tivesse coragem de expressar sua verdadeira opinião quando estavam inebriados pela bebida alcoólica que os levavam para fora de si e falavam o que pensavam, mas sem razão, sem argumento, pois desconheciam as letras que fariam a diferença em sua vida. Por meio da letra o homem saia de sua condição de não ser ouvido e ganharia brilho e respaldo perante a sociedade.

As primeiras escolas e suas atribuições nos sertões do Rio Grande do Norte

Após a instalação da República, houve uma tentativa de criar novos símbolos para representarem as novas aspirações de modernidade e progresso. Os debates caminharam em torno de uma educação democrática e que chegasse a população com a finalidade de instruir os sujeitos sociais⁹.

A ação educativa em conjunto com a instrução pública pensada e agenciada pelo pensamento republicano visava modificar as estruturas, até então, consideradas atrasadas como havia sido no período imperial¹⁰. Para tal, procurou criar a escola enquanto um agente social e desenvolvimentista (MOREIRA, 2011. p. 15). Esse pensamento também chegava aos sertões do Rio Grande do Norte por meio de aspirações daqueles que conheciam minimamente as letras, José de Azevêdo Dantas nos aponta:

O combate ao analfabetismo é a pedra angular do edificio social. Abrir escolas fundar instituições de ensino ensinar as primeiras letras e os rudimentos das sciencias, convidar e povo a adquirir as nações indispensaveis ao seu desenvolvimento, despertar o festo pelo aperfeiçoamento, cultiva, ainda que na sua expressões mais simples e primitiva, habitos disciplina mental e relativa independencia pessoal, estimular as instituições progressistas, tudo isso é o vehicular indispensavel para o auto conhecimento, para a [ilegível] individual, e para a affirmação da personalidade em uma obra syntheticas, grande ou pequeno que seja o seu real valor positivo. Alguns paizes [ilegível], no intuito de ampliar a [ilegível] em seu minuciosas detalhes, projectam organização systematicos de ensino, nos quaes as disposições referentes na escola [ilegível] são os mais desenvolvida e elaboradas. A missão de escola primaria [ilegível] fundamental (DANTAS. Analfabetismo e educação. Jornal O Momento. 1924. p. 45).

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

Fica evidente que havia a preocupação de abrir escolas que tivessem como propósito o ensino científico com vistas a promover o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dos homens. Demonstra com absoluta certeza a necessidade da instrução na vida das pessoas, sendo a escola primária o carro chefe para essa missão educadora e civilizatória do povo do sertão. As escolas passam a ser vistas como um elemento progressista e dinamizador que atendiam aos anseios da República. Por meio da educação e da instrução primária rompia-se com as heranças negativas deixadas pelo Império do Brasil. O novo Estado propunha orientar os indivíduos a um saber técnico-científico capaz de vencer o atraso anterior e inserir-se ao mundo capitalista¹¹ de fato.

Os que pensavam a República desejavam não somente desenvolver os aspectos econômicos, mas alavancar as instituições de modo a fazer uma circulação de pensamento com fundamentos liberais e culturais que viessem a ser referenciais ao republicanismo. Nesse caso, o processo civilizador não é apenas um projeto político, todavia em grande medida é um desejo da sociedade que apresenta as suas demandas (MOREIRA, 2011. p. 29). A educação, nesse contexto, reúne boa parte das responsabilidades de dinamizar e ser mentora dos fundamentos de modernidade e progresso para o Brasil.

As construções dos grupos escolares ocorreriam na primeira década do século XX em diversas regiões do Brasil. Com a perspectiva de romper com as antigas estruturas do Império e ascender à luz das aspirações republicanas. O ensino deixaria seu papel de regime confessional e adotaria o modelo de educação cívica (SILVA, 2007. p. 95). Nesse itinerário as escolas ou grupos escolares deveriam adotar o papel de símbolo do regime republicano e de formador de um novo homem capaz de conquistar seu lugar ao mundo pelo viés da ciência e da razão.

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

Nos primeiros anos do século XX, o debate sobre a modernização pública em termos de concepção escolar ganha fôlegos e essa situação reflete na construção de grupos escolares ou escolas no Rio Grande do Norte. Nesse caso, os elementos educadores são gestados com a finalidade de civilizar e instruir e ainda mais, demonstrar que a República é um tempo de renovação. Os sertões do Rio Grande do Norte também presenciaram a criação de escolas e grupos escolares, segundo José de Azevêdo Dantas:

Em 1908 foi fundado por acto do governo do Estado um Grupo Escolar na sede do municipio e nomeando para exercer o cargo da instrução professores diplomados, funcionando desde então a [ilegível]. A instrucção no municipio, como em quase todos do interior caminha ainda a passos muito tantos. Na Escola Izolada do Gruppo Escolar tem havido, desde a sua fundação uma matricula media de os alumnos enixtos, animaes. Nas escolas municipaes situadas na povoação de Carnauba e em diferentes sitios, a matricula tem sido inferior a este numero, o que representa um baixo coeficiente para a densidade de população em condições escolar; (DANTAS. Instrucção pública. Jornal O Momento. 1924. p. s/n).

Pelo que se depreende da notícia exposta estava existindo um baixo número de alunos matriculados e não pelo motivo de não está em faixa etária para ser matriculado nas escolas, mas havia outra razão que desconhecemos. Não podemos afirmar, qual seria o motivo que levaria a esses alunos não estarem frequentando os grupos escolares, todavia podemos conjecturar que talvez os pais estivessem autorizando que os filhos saíssem da escola para poderem ajudá-los em seus trabalhos. Pensamos também, que esse alunado pudessem se ausentar por mais de sessentas dias consecutivos dos grupos escolares, o que levaria ao seu desligamento escolar (AZEVEDO, 2009. p. 232). Mas, uma pista nos chama atenção quando José de Azevêdo Dantas coloca que havia sido aberto um novo grupo escolar com fundos do Estado, dessa forma, atentamos para o fato de que essa evasão escolar

estivesse ocorrendo porque os grupos escolares eram distantes da residência dos alunos e que por isso aqueles desistiam da prática educacional. Entretanto, não podemos afirmar, uma vez que não temos dados consistentes para tal.

Os primeiros grupos escolares do Rio Grande do Norte foram criados em 1908 com o objetivo de serem modelo de propagação do ensino considerado moderno (AZEVEDO; SANTOS, 2016. p.173). Os grupos escolares eram instituições que apresentavam normas, procedimentos e regulamentos que versavam sobre o bom funcionamento do aprendizado e com disciplinas que atendiam as necessidades da sociedade. Nos sertões do Rio Grande do Norte essa era uma prática que parecia está dando certo. Quanto à construção dos grupos escolares e sua função social de colocar o sertanejo próximo as letras, José de Azevêdo Dantas salienta:

Actualmente o movimento escolar no municipio é a seguinte: __ As duas escolas izoladas do Grupo Escolar "Thomaz de Araujo" com 40 matriculados, uma escola rudimentar mixta "De Manoel Dantas" no logar Cacimba do Meio, subvencionado pelo Estado e creada em 1º de Agosto de 1921, com uma matricula de 40 alumnos; uma escola rudimentar mixta a povoação de Cruzeta subvencionada pelo Estado, creada em 1923, com uma matricula de 45 alumnos; uma escola rudimentar mixta "(municipal de 1917)" na povoação de Carnauba creada em 1922 e subvencionada pelo Estado, com 46 matriculados; uma escola particular mixta "Dr. José Augusto" no logar Cardeiro ao norte da cidade, creada em 14 de janeiro do anno fluente, com uma matricula de 40 alumnos; uma escola particular mixta no logar Pao d'Arco creada em 1924 com uma matricula de 20 alumnos; uma escola particular mixta "Cel. Silvino Bezerra" na cidade, creada em 1924 com uma matricula de 25 alumnos uma escola particular mixta no logar [ilegível] com uma matricula de 15 alumnos, um institulo "Externato Spenar" na cidade, funcionando sob a direcção do talentoso promotor publico Dr, Francisco Menezes, com 18 alumnos matriculados de ambos os sexos, uma escola particular na povoação de Carnauba com alumnos, creada em 1920 por inciativa particular (DANTAS. Instrucção pública. Jornal O Momento. 1924. p. s/n).

Percebemos pelo fragmento do Jornal O Momento que a construção de escolas nos sertões do Rio Grande do Norte tem como objetivo alfabetizar a população distante da capital. Os grupos escolares detinham uma clientela mista, daí averiguamos que não existia divisão por sexos, mas que ambos estudavam em um mesmo ambiente e que a cada dia havia mais interesse pela abertura de novos grupos escolares. Identificamos que em uma região que sofre com os efeitos da seca, como a saída das pessoas de uma região para outra (MATTOS, 1985) em momentos de falta de água, os grupos escolares manterem um número de alunos entre 40 a 45 matriculados significava um número expressivo de busca pelo conhecimento. Sendo assim, a educação nos sertões era bem vista pela sociedade desses espaços.

Quando as escolas eram caracterizadas como ineficientes por falta de alunos ou de condições, o governo republicano agia por meio da implantação de grupos escolares no qual atendia ao projeto civilizador e político republicano. Essa ação era feita com o intuito de corrigir as deficiências das escolas isoladas ou com atendimento precário pelo poder político local dos municípios ou povoados¹². Mas, essa não nos parece ser a realidade das escolas dos sertões do Rio Grande do Norte tendo em vista que até particulares tomavam a dianteira e fundaram escolas para alfabetizar os sertanejos. Como podemos verificar no fragmento a seguir:

Por todos os recantos do nosso caro rincão surge escolas e mais escolas, em cujas casas de instrução o homem prepara-se com todo o civismo no perfeito conhecimento da patria, tornando-se da melhor forma possível um cidadão brasileiro, plenamente concio de seus deveres com larga vizão dos conhecimentos patrios, franca liberalidade de seus actos e inteira compreensão das causas.

Impellidos por esse nobre dever, foi que nesta pequena mas florescente povoação de Carnauba, alguns moços, ditectos [sic] filhos desta terra, tiveram, com um verdadeiro assomo de civisima a dignificante idea de fundarem uma escola nocturna onde os pobres pudessem receber os

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

primeiros conhecimentos do alfabeto (DANTAS. A instrução. Jornal O Momento. 1924.p. 20).

Por meio da notícia jornalística anterior, redigida por José de Azevêdo Dantas, podemos verificar que nossa lógica de que as escolas dos sertões do Rio Grande do Norte obtinham êxito é aplicável, o que devemos analisar é que as escolas que atuavam pela manhã não tinham um maior número de alunos matriculados, pois estes tinham de trabalhar para prover seu sustento. No entanto, os filhos da terra que tinha uma visão de progresso e desenvolvimento optaram pela iniciativa da escola particular para alfabetizar essa parcela da população. Podemos pensar que aquela parcela da população fosse trabalhadores dos fundadores das tais escolas e eles entediam que os trabalhadores estando alfabetizados seriam mais produtivos.

É notório que os nativos da Povoação de Carnaúba tinham consciência que era preciso alfabetizar a todos, desde aqueles que tinham mais condições aos que estavam na condição de pobres. Essa realidade não é algo impensável para os sertões, tendo em vista que para se ter uma educação formal e de qualidade os filhos dos proprietários de terras se deslocavam do sertão para as faculdades de Olinda (MACÊDO, 1998) e que para pessoas pobres isso tornava-se inviável. Ademais, pelo que José de Azevêdo Dantas nos relata é que existe uma relação clara entre o conhecimento, ou seja, a educação e o que essa proporciona, tais como: pessoas mais empenhadas no desenvolvimento do Brasil - amor a pátria -, um cidadão consciente de seu papel enquanto sujeito social. O que estava na lógica no projeto republicano/modernizador que era a exacerbação do civismo.

Na República norte-rio-grandense, as práticas educacionais representavam o mundo moderno e os anseios do mundo capitalista (MOREIRA, 2011, p. 49). A instrução primária ocorria no movimento da *Belle Époque* com vistas a uma

sociedade moderna e progressista. A educação é concedida com um *locus* da racionalidade fosse tanto pela instituição pública quanto privada de forma a moldar a população segundo os moldes republicanos.

A construção de escolas e grupos escolares também promoveu práticas peculiares ao magistério que acarretou a profissionalização dos docentes. As políticas no cerne do magistério e com base nas Reformas de Instrução tinham como objetivo o progresso do ensino atendendo ao ideal republicano (MORAIS; SILVA, 2009. p. 267-268). A formação dos professores tornava-se fundamental para se atingir as finalidades do ensino e as inovações educativas.

Os Grupos Escolares e as Escolas Isoladas¹³ que visavam um bom aprendizado por parte dos alunos tinham regimentos internos que ditavam as concepções didático-pedagógicas aos professores norteando como deveriam ser as aulas, o comportamento dos alunos e dos professores no interior da instituição escolar (MORAIS; SILVA, 2009. p. 267-274). Esses regulamentos tinham como propósito atender as demandas do pensamento republicano e suas finalidades.

Na Primeira República, os Grupos Escolares e as Escolas no Rio Grande do Norte simbolizavam o ensino considerado moderno por meio de procedimentos e normas necessárias para o aprendizado dos alunos. O método intuitivo era utilizado nas instituições de ensino como caminho para os discentes colocarem em prática a teoria aprendida (AZEVEDO; SANTOS, 2016. p. 173- 174). A aprendizagem ganhava contornos concretos e saía da abstração, tendo em vista que os alunos experimentavam o seu conhecimento. Outro método moderno de instrução era os passeios escolares que estavam dentro da lógica da linha intuitiva, na qual os alunos aprendiam através de atividades lúdicas.

A construção das escolas e grupos escolares com suas práticas e fundamentos foram frutos de uma sociedade republicana que aspirava uma

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

modernidade, com cidadãos civilizados, educados e progressistas. As instituições educativas em seus momentos de aprendizagem procuravam gerar momentos de exaltação cívica, por meio de hinos e signos que fizessem referencia ao período republicano.

As práticas educativas nos sertões do Rio Grande do Norte

Com o advento da República as discussões sobre a educação e as práticas educacionais ganharam respaldo por todo o Brasil. O debate maior girava em torno da alfabetização das pessoas. Era preciso ampliar a educação para preparar os indivíduos para a nova ordem social e capitalista. A instituição escolar era vista dentro do projeto republicano como um meio para atingir o progresso e o desenvolvimento.

Os primeiros anos republicanos foram demarcados pelos discursos que eram necessários a edificação da educação para o progresso e a modernização de novos hábitos e, conseqüentemente, a proliferação da dinâmica republicana. Esse pensamento havia sido introduzido em diversas áreas do Brasil, inclusive nos sertões do Rio Grande do Norte, uma vez que nos ditos espaços havia uma necessitava de educação, pois:

O Brasil, paiz immenso com uma extensa faixa littoranea e vasto interior de terras incultas, [ilegível] que se diz civilizada, que communga ao lado das grandes potencias, uma nação ainda pouco instruida, onde os homens ainda não souberam encarar com verdadeiro patriotismo o magno problema da educação. Paiz que mal começava despontar para o inagnifico porvir que lhe está reservado para os maravilhosos [ilegível] de prosperidade em que terá de caminhar impulsionado pela produção agricola e pelo commercio que é o principal agente de sua riqueza natural, enquanto vae ficando adormecida a grande mola do seu organismo

intellectual - a mentalidade latente de seus filhos (DANTAS. A instrução. *Jornal O Momento*. 1924.p. 18).

Com base no excerto redigido por José de Azevêdo Dantas verificamos o apelo para que a educação chegasse a todos os recantos do Brasil, pois somente assim, haveria a prosperidade almejada não somente pelo caráter econômico, mas também, pelo viés intelectual. Torna-se evidente que o redator do *Jornal O Momento* compartilha das aspirações republicanas. A ideia era construir uma nação republicana na qual estivesse pautada pela identidade coletiva e para tal a educação seria esse elemento catalisador. Nesse cenário os republicanos empreenderam a missão de civilizar e instruir a população, com vista a evitar manifestações contra a República e formar um novo ideal de trabalhador (DANTAS, 2012, p. 17).

A construção de escolas e a formação do ser humano contribuía para a formação de uma sociedade afinada com as ideias republicanas de desenvolvimento e modernidade na qual haveria uma coesão social maior com os ideais republicanos. Nos sertões do Rio Grande do Norte também havia a preocupação com a educação que promovesse o progresso. Pois,

O Brasil vós deveis saber, é um pequeno mundo, com energias robustas e immensas fontes de riquezas como nenhuma outra nação pode orgulhar-se de possuir, a sua população é grande, forte e resistente principalmente o nortista [?] supeiormente conhecido. Mas, especidicadamente elle não se conhece a si mesmo não sabe que é grande e depositario de immensas riquezas. Mas não sabe como fazer valer essa grandeza; utilizar-se dessas riquezas, por lhe faltar o uso pratico, os conhecimentos scientificos, e, finalmente a educação completa de seus habitantes deixando que outros espiritos extranhos porem dotados de melhor capacidade technica venham desfructar a conquista deste tornão abençoado (DANTAS. A instrução. *Jornal O Momento*. 1924.p. 18).

José de Azevêdo Dantas faz um apelo para que as riquezas do Brasil sejam exploradas de forma correta, sendo assim, era necessário o desenvolvimento do conhecimento científico no manuseio do uso das terras do Brasil, uma vez que, os atores sociais não entendiam a força produtiva que possuía as terras brasileiras, em razão da falta de educação em que viviam. Não nos é caro pensarmos que esse avanço econômico adviria a partir dos ensinamentos provenientes pela educação (DANTAS, 2012. p17). A solicitação e o discurso incisivo jornalístico chegavam também aos sertões do Rio Grande do Norte, com vista ao meio rural era preciso a educação rural, uma vez que:

Deante de vós a espectativa não é de vacillamento! Sois brasileiros nativos; homens fortes e encorajados para a lucta da vida. Estimular, propagar, colaborar em favor da instrucção é o vosso dever. Esta missão não se resume ahí, vae muito alem, com o lançar de ideas de alcance utilitario para o [ilegível] da educação popular. Podemo [sic] sem difficuldade financeira ou de ordem material promover a ercação de instituições de ínfimo [?] que possam se adaptaveis aos nucleos de população rural o que por si já representa papel de elevada significação na desalfabetisação dos povos (DANTAS. A instrucção. Jornal O Momento. 1924.p. 18).

A partir do discurso jornalístico fica explícito que o homem rural é um forte que desempenha suas lutas mesmo em ambientes hostis como a convivência com as secas¹⁴, mas que necessitava da instrução para o progresso das atividades sertanejas. Para que a educação se fizesse morada nos lares rurais do sertão era preciso que os discursos educacionais penetrassem os recantos familiares¹⁵.

A escola era norteadora dos ideais republicanos, mas acima de tudo, era o caminho para os povos que desejavam o progresso e a civilização (SILVA, 2007. p.143). Tratava-se de institucionalizar o homem novo que respondesse a nova

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

forma de saber-fazer, por meio da cientificidade e que pudesse assumir aos anseios da sociedade na qual estava inserido.

A instrução das pessoas representava uma prática social ordenadora da formação de novo homem moderno e republicano, na qual a instituição escolar era vista como algo que orientaria e modernizaria determinada sociedade, inserindo novas práticas de desenvolvimento.

As práticas inovadoras da educação se faziam sentir nos sertões do Rio Grande do Norte, no qual pelo método intuitivo servia para que as pessoas tivessem conhecimento sobre sua comunidade e os "objetos" que cercavam o mundo rural, tais como solo, vegetação e água. Os passeios escolares, por meio do método intuitivo, tornavam-se salutares, haja vista que os alunos assumiriam as atividades agrícolas utilizando de maiores fundamentos e práticas outrora praticados.

A educação voltada para o estudo do espaço rural tinha um propósito importante. No dia 24 de agosto de 1920, o Grupo Escolar Thomaz de Araújo, em Acari/RN, promoveu um passeio escolar para a fazenda denominada "Fortaleza do Felipe", no município de Acari, com o objeto de discutir os ensinamentos geográficos, a formação dos solos e a composição calcária dos terrenos, como podemos observar:

[...] Grupo Escolar "Tomaz de Araujo" (Acary) – A 30 do mez passado, a escola isolada masculina fez um passeio escolar na fazenda "Fortaleza do Felipe", propriedade do coronel Santa Rosa, comparecendo 15 alumnos. Nesse local foram estudados diversos terrenos de aluvião e terrenos de composição calcarea, argilosa, humosa, dando o professor, breves palavras, a importância de cada um, quanto a produção dos cereais, do algodão, &. Depois da lição, ouvida com muito proveito, seguiu-se uma parte recreativa, constante de callistenica e jogos infantis. [...] (A REPÚBLICA, 1920, p. 1).

Os passeios escolares, com base nos fundamentos de método intuitivo, tinham como finalidade que os alunos colocassem em prática o que havia aprendido teoricamente em sala de aula em ação através de práticas realizadas nas vivências dos sujeitos. Interagindo com os aspectos: econômicos, políticos, físicos e sociais. Promovendo o desenvolvimento de determinados espaços. Nesse sentido, o ensino, por meio do método intuitivo, era voltado para o cotidiano das pessoas, tornando-o significativo para ser aplicado nas atividades laborais dos sertanejos.

As instituições escolares foram de suma importância para a organização social no início do período republicano e como meio para atender os ditos anseios. A educação, no contexto da República, apresentou sua modernidade e “[...] passou a ser vista como um todo harmonioso que depende do desenvolvimento igual das suas estruturas [mental, psíquica e física] para atingir a sua plenitude” (PAULA, 1994, p. 146). Entretanto, as escolas, em alguns casos, ainda não tinham atingido toda a sua demanda. Era o caso do espaço rural dos sertões do Rio Grande do Norte, considerando que:

Se possuímos alguns estabelecimentos de instrução, embora insuficiente á densidade da população rural, esses não satisfazem ao fim almejado que é desanalfabetizar o grande numero de analfabetos, não porque falte ao cumprimento de seus deveres profissionaes os respectivos professores, mas pela ausencias injustificavel de frequentadores que alli se devotem ao conhecimento das letras (DANTAS. O que somos e o que valemós. Jornal O Momento. 1924. p. 21).

Nesse caso, podemos pensar que a falta de matrículas advinha das atividades laborais do campo em que as pessoas do espaço rural não tinham como deixar seus afazeres agrícolas para se dedicar as letras. Nossa suposição se confirma quando José de Azevêdo Dantas nos relata em seu Jornal O Momento: “Muitos digam a dar

uma desculpa de que deixam de frequentar a escola por motivo dos seus affazeres quotidianos, não sendo possível privar a suas horas de lazer por uma causa que ella julgam seccundaria. É nisto que vae a grande falta de estimato, é nisto que vae o nosso grande atrazo em materia de instrucção” (DANTAS. O que somos e o que valemos. Jornal O Momento. 1924. p. 21). Assim, a solução encontrada seria a construção de bibliotecas rurais que levassem o conhecimento a essas pessoas. O redator do Jornal O Momento nos relata:

Venho indicar no breve espaço de que disponho uma medida de salutarees effeitos para uma população que precisa acima de tudo elevar o seu conceito moral, que pode equiparar-se pelos seus fins utilitarios aos melhores educandarios - é a fundação das pequenas bibliothecas ruraes.

As bibliotecas populares. embora para o nosso meio seja quase de todo desconhecidas, ellas vêm sendo do divulgadas entre os povos civilizados como uma neccessidade imperiosa e indispensavel ao desenvolvimento educativo das massas.

"do e qualquer nucleo de população que prim^a pela educação dos seus não deixa de possuir como devido zelo a sua bem montada biblioteca e se de outro modo, os seus recursos financeiros não dão margem para tanto, elles as têm, mesmo em circunstances mais modestas.

As bibliothecas do povo estão sendo adoptadas hoje por todos as gentes cultas e bem organizadas. Ellas vem seccundando proveitosamente a grande obra da alphabetização dos povos (DANTAS. As bibliothecas ruraes. Jornal O Momento. 1924. p. s/n).

Tomando com base a ideia que as pessoas que moravam no espaço rural não dispunham de tempo para se matricular nas escolas dado às atividades econômicas, com as bibliotecas rurais a população do campo teria acesso em suas casas as letras, nos momentos de descansos ou em seus momentos de lazeres. As bibliotecas rurais, além do mais, não eram uma realidade desconhecida, ao contrário era um fato nas sociedades que tinham como princípio o mundo civilizado e progressista. Existe uma noção imbricada que mesmo a população do campo que precisa trabalhar nas horas em que as escolas normais estavam

funcionam, precisavam das letras, nesse caso, a solução encontrada era a construção de escolas noturnas ou as bibliotecas rurais para que a educação chegasse a toda população.

A instrução pública, logo após a implantação da República, passou a ser essencial para o novo homem moderno e civilizado (SILVA, 2007. p. 144). A escola passou a ser vista como uma instituição civilizatória com destaque para os saberes científicos que seriam refletidos no crescimento econômico e social de determinadas sociedades.

O projeto modernizador instituído pela República não dizia respeito apenas a educação das pessoas, mas a discussão fazia referências às modificações das técnicas e usos das terras e necessidades sociais e humanas, como bem salienta José de Azevedo Dantas: “Devemos procurar os factores essenciaes a nossa felicidade: Trabalho, educação e saúde” (DANTAS. O que somos e o que valemos. Jornal O Momento. 1924. p. 21). A educação estava atrelada as aspirações sociais e a um pleno desenvolvimento.

Considerações Finais

A cada novo momento histórico os sertões ganham uma nova roupagem com discussões que nos permite afirmar que a referida espacialidade é múltipla, diversa e complexa. Sendo uma simbiose entre os elementos que a compõe e o meio natural.

O sertão do nosso estudo é aquele em que se insere no período republicano e em suas discussões de modernidade, no qual o fator educação foi indispensável para os focos de modernidade do sertão. A educação é o elemento dinamizador e

social que fez os sertões serem refeitos e repensados, com vista a se obter o progresso.

A educação no período republicano passou a ser pensada para os sertões como o carro feche para o desenvolvimento dos sertões e dos habitantes daquele espaço. A escola primária seria o fundamento catalisador para a ação civilizatória e educadora.

As escolas ou grupos primários foram bem aceitos pela população sertaneja que desejava aprender e se tornar dinâmico nesse período republicano. Mas, dado as atividades laborais desempenhadas, nem sempre esses sertanejos tiveram como estudar nas escolas ou grupos, em razão do horário não ser compatível com seu trabalho. A solução encontrada para não manter esses indivíduos longe da aprendizagem foi às bibliotecas que levavam o conhecimento a quem almejava.

Os sertões do Rio Grande do Norte, portanto, no início da República no Brasil presenciou sua modernização advinda da prática educativa que além de instruir cada pessoa, servia com um fator que levaria o sertanejo a manter contato com todas as ideias republicana e modernizadora que circulava no Brasil e no mundo. As letras rompiam a espacialidade sertaneja e levava seus moradores a outros recantos mundo a fora. A educação passava a ser um elo de ampliação de conhecimento e prática efetiva na vida das pessoas.

Fontes

DANTAS, José de Azevêdo. A imprensa. **Jornal O Momento**. 1924. p. 32.

DANTAS, José de Azevêdo. 15 de novembro. **Jornal O Momento**. 1924, p.37.

DANTAS, José de Azevêdo. 15 de novembro. **Jornal O Momento**. 1924, p.38.

DANTAS, José de Azevêdo. Alcoolismo, amadorismo, etc. **Jornal O Momento**. 1924. p. 32.

DANTAS, José de Azevêdo. Civilizados e Civilizados. **Jornal O Momento**. 1924. p. 23.

DANTAS, José de Azevêdo. Pela Cruzada Sanitaria. **Jornal O Momento**. 1924. p. 24.

DANTAS, José de Azevêdo. A instrução. **Jornal O Momento**. 1924. p. 17.

DANTAS, José de Azevêdo. Pelo ensino. **Jornal O Momento**. 1924. p. 30.

DANTAS, José de Azevêdo. Analfabetismo e educação. **Jornal O Momento**. 1924. p. 45.

DANTAS, José de Azevêdo. **Jornal O Momento**. 1924. p. s/n.

DANTAS, José de Azevêdo. A instrução. **Jornal O Momento**. 1924. p. 20.

DANTAS, José de Azevêdo. A instrução. **Jornal O Momento**. 1924. p. 18.

DANTAS, José de Azevêdo. **Jornal O Momento**. 1924. p. 2.

DANTAS, José de Azevêdo. **Jornal O Momento**. 1924. p. s/n.

DANTAS, José de Azevêdo. O sertanejo. **Jornal O Momento**. 1924. p. 46.

DANTAS, Manoel. A vida sertaneja - presente e futuro. **Jornal O Povo**. 1889. p.1.

DANTAS, Manoel. Instrução Pública. **Jornal O Povo**. 1889. p.1.

PELO ensino. **A República**, Natal, 24 ago. 1920a, n. 188, p. 1.

NÓBREGA, Janúncio Bezerra da. O Povo. **Jornal O Povo**. 1889. p.1.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Distante e/ou do instante: "sertões contemporâneos", as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Albeto (Org). **Culturas dos Sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014.]

AMADO, Janaina. Região, sertão e nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995.

ANDRADE, Joel Carlos de Souza. **Em demanda do sebastianismo em Portugal e no Brasil: um estudo comparativo (Séculos XIX/XX)**. Tese de Doutorado em História. Universidade de Coimbra, Portugal, 2014.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **O ideário modernizador do governo Graccho Cardoso (1922-26) e a reforma da instrução pública de 1924 em Sergipe**. (Tese de Doutorado). Natal: UFRN. 2009.

BEZERRA, Paulo. **Cartas dos Sertões do Seridó**. Natal: Lidador, 2012.

BORGES, Vera Lúcia Bogêa. Na rua o povo dá voz à república. **Livros e Redes**. v.16, n.1, p.263-267, jan.-mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16n1/16.pdf>. Acesso em: 26. Dez. 2017.

CATROGA, Fernando. **O Republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de Outubro de 1910**. 3. ed., Lisboa: Casa das Letras, 2010.

DANTAS, Marta Bezerra Rodrigues. **A concepção de infância nos regimentos escolares no Rio Grande do Norte (1910-1930)**. Dissertação (Mestrado em Educação), UFRN, Natal, 2012.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense.** 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFRN, Natal, 1998.

MACIEL, Francisco Ramon de Matos. **"A produção de Flagelos": a re-produção do espaço social da seca na cidade de Mossoró (1877-1903-1915).** Natal. 2013. (Dissertação de Mestrado/UFRN).

MAGALDI, Ana Maria de Mello Bandeira. Cera a modelar ou riqueza a preservar: a infância nos debates educacionais Brasileiros (anos1920-30). In: GONDRA, José (Org.). **História, infância e escolarização.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002, p.59-79.

MATTOS, Maria Regina Mendonça Furtado. **Vila do Príncipe – 1850/1890 sertão do Seridó – um estudo de caso da pobreza.** Dissertação de mestrado em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A república consentida: cultura democrática e científica no final do Império.** Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2007.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; SILVA, Francinaide de Lima. História da profissão docente em Natal/RN (1908-1920). **Rev. Diálogo Educacional,** Curitiba, v.9, n.27. p. 267-278 Mai/Ago. 2009.

MOREIRA, Keila. **Em nome da República: escolas e tradições modernas.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio grande do Norte, Natal, 2011.

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade de. **Legislação e educação: o ideário reformista do ensino em Sergipe, na Primeira República - 1889-1930.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2004.

PAULA, David Ferreira de. A infância e o Mundo Moderno. **Pós-História: Revista de Pós-Graduação em História.** Assis, v. 2, 1994.

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

mneme ■ revista de humanidades
ISSN 1518-3394

SILVA, Maria Neide Sobral da. **Vitrine das letras: o discurso jornalístico e a modernidade pedagógica em Sergipe/Brasil e Portugal - (1910 - 1920)**. Natal: UFRN, 2007.

SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento brasileiro**. 2ed. Goiânia: Editora UFG, 2015.

VEIGA, Cíntia Greive. **Projetos urbanos e projetos escolares: aproximação produção de representações de educação em fins do século XIX**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n.26, dez.1997.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

Artigo recebido em 09 de abril de 2018. Aprovado em 30 de maio de 2018.

PEREIRA, Ariane de Medeiros. A educação nos sertões do Rio Grande do Norte: o olhar de José de Azevêdo Dantas (1910-1920). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 19, n. 42, p. 117-149, jan./jul. 2018. [Dossiê Sertões: conceitos e sentidos de uma categoria chave para a compreensão da historiografia luso-brasileira. Org. Dr. Eurípedes Funes – UFC e Dr. Evandro Santos – UFRN].

Notas

- 1 Para uma discussão sobre o processo de adentramento do interior do Brasil, ver Holanda (2001).
- 2 Nessa divisão consideramos o mapa “uma das primeiras divisões – paisagem geográfica” utilizado pelo professor: Francisco Ednardo Gonçalves. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/ednardogoncalves/regionalizacoes-do-espaco-potiguar>. Acesso em: 21. Jun. 2017.
- 3 No nosso estudo optamos por utilizar o termo sertões, por entender, que existem vários sertões em cada região geográfica.
- 4 Aqui entendemos antigas estruturas como base no estudo de Maria Tereza Chaves de Mello (2007), no qual havia a necessidade de uma república concreta e representativa promovendo maior progresso e possibilidades aos sujeitos sociais independente de classes sociais (MELLO, 2007. p. 14). No caso, as estruturas antigas eram os grupos privilegiados do sistema monárquico, no qual não havia a perspectiva de ascensão social de sujeitos sociais desfavorecidos economicamente.
- 5 Claro que não somos ingênuos de afirmar que a modernidade que atingia os grandes centros era a mesma ou que chegasse na mesma proporção aos sertões do Brasil.
- 6 O primeiro exemplar do Jornal O Povo circulou em 09 de março de 1889 e seu último número em 1902 (MACÊDO, 1998. p. 121).
- 7 Esse fragmento faz parte do Jornal o Momento escrito quinzenalmente pelo próprio José de Azevêdo Dantas que versava sobre os assuntos do sertão do Rio Grande do Norte, especialmente dos sertões do Seridó. Optaremos por manter a escrita da época nos fragmentos dos Jornais O Raio e O Momento.
- 8 Aqui concordamos com o pensamento de Fernando Catroga (2010) quando coloca que os clubes possuem uma função social e de vigilância a novos ideais ou um meio de disseminar fundamentos políticos novos de forma controlada e comedida (CATROGA, 2010. p. 19).
- 9 Para um melhor entendimento ver Veiga (1997).
- 10 Essa era o pensamento dos republicanos.
- 11 Para uma discussão sobre os pressupostos capitalista, ver Weber (2002).
- 12 Para o uma discussão mais efetiva, ver Oliveira (2004).
- 13 De modo geral, os grupos escolares apresentavam um número inferior a 50 alunos e as Escolas Isoladas possuíam mais de 50 anos, ambas seguiam modelos eficientes (GIL; CALDEIRA, 2011).
- 14 Para uma discussão sobre a seca nos sertões do Rio Grande do Norte, ver Maciel (2013).

mneme ■ revista de humanidades
ISSN 1518-3394

15 Para um aprofundamento sobre discursos e ações pedagógicas que foram dirigidos às famílias brasileira, ver Magaldi (2002).